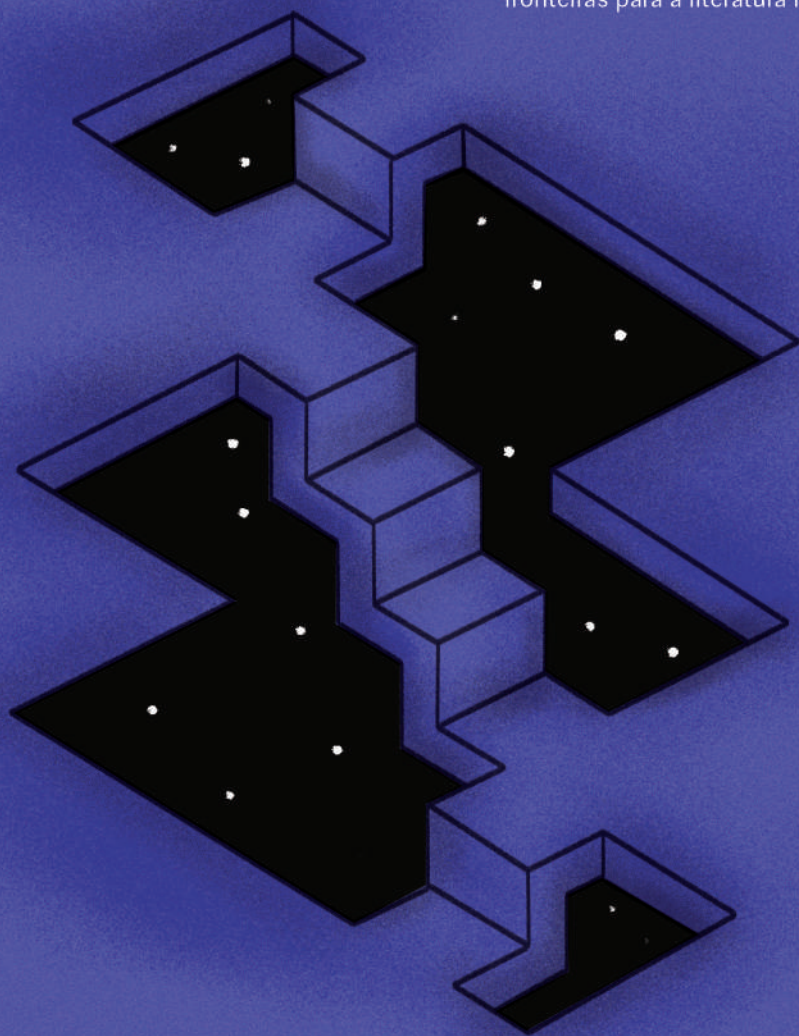


DINO BUZZATI

Sessenta Contos

«Buzzati é um dos pioneiros que, a par de Kafka e de Dostoiévski, abriram novas fronteiras para a literatura moderna.»

The Times



cavalo de ferro

ÍNDICE

1. Os SETE MENSAGEIROS	11
2. O ASSALTO AO GRANDE COMBOIO	16
3. SETE ANDARES	30
4. ESPÍRITO DO SUL	45
5. CONTUDO, BATEM À PORTA	51
6. O CAPOTE	64
7. A MATANÇA DO DRAGÃO	69
8. UMA COISA QUE COMEÇA POR L	83
9. VELHO FACOCHERO	91
10. A DERROCADA DA BALIVERNA	95
11. O CÃO QUE VIU DEUS	101
12. ALGO ACONTECERA	127
13. Os RATOS	132
14. ENCONTRO COM EINSTEIN	138
15. Os AMIGOS	144
16. Os RECIÁRIOS	151
17. DE HIDROGÉNIO	155
18. O HOMEM QUE QUIS CURAR-SE	161
19. 24 DE MARÇO DE 1958	167
20. AS TENTAÇÕES DE SANTO ANTÓNIO	172

21. O MENINO TIRANO.....	177
22. RIGOLETTO.....	184
23. O MÚSICO INVEJOSO	188
24. NOITE DE INVERNO EM FILADÉLFIA	194
25. O DESABAMENTO.....	200
26. NÃO ESPERAVAM OUTRA COISA	208
27. O DISCO POUSOU	220
28. PÂNICO NO SCALA.....	226
29. O BURGUÊS ENFEITIÇADO	262
30. UMA GOTA	269
31. A CANÇÃO DE GUERRA	272
32. O REI EM HORM EL-HAGAR	276
33. O FIM DO MUNDO	286
34. ALGUMAS INDICAÇÕES ÚTEIS À ATENÇÃO DE DOIS AUTÊNTICOS CAVALHEIROS	290
35. CONVITES SUPÉRFLUOS	297
36. CONTO DE NATAL	301
37. A INAUGURAÇÃO DA ESTRADA	305
38. O FEITIÇO DA NATUREZA	311
39. AS MURALHAS DE ANAGOR	315
40. DIRECTÍSSIMO	319
41. A CIDADE PESSOAL	325
42. GREVE DOS TELEFONES	331
43. A CORRIDA ATRÁS DO VENTO	338
44. DOIS PESOS DUAS MEDIDAS	344
45. AS PRECAUÇÕES INÚTEIS	350
46. O TIRANO DOENTE	356
47. O PROBLEMA DOS LUGARES DE ESTACIONAMENTO	362
48. ERA PROIBIDO	368
49. O INVENCÍVEL	374

50. UMA CARTA DE AMOR	380
51. BATALHA NOCTURNA NA BIENAL DE VENEZA	386
52. OLHO POR OLHO	392
53. GRANDEZA DO HOMEM	397
54. A PALAVRA PROIBIDA	401
55. OS SANTOS	407
56. O CRÍTICO DE ARTE	412
57. UMA BOLINHA DE PAPEL	417
58. A PESTE MOTORA	421
59. A NOTÍCIA	426
60. O COURAÇADO <i>TOD</i>	429

Nota do Editor:

Os contos numerados de 1 a 9 fazem parte do volume *Os Sete Mensageiros*; do número 10 ao 18, do volume *Pânico no Scala*; do número 19 ao 36, do volume *A Derrocada da Baliverna*.

1

OS SETE MENSAGEIROS

Tendo partido para explorar o reino do meu pai, cada dia que passa vou-me distanciando da cidade e as notícias que me chegam são cada vez mais raras.

Comecei a viagem tinha pouco mais de trinta anos e já passaram mais de oito, exactamente oito anos, seis meses e quinze dias de caminho ininterrupto. Julgava, quando parti, que dentro de poucas semanas chegaria facilmente aos confins do reino, mas em vez disso continuei a encontrar sempre novas gentes e terras, e por toda a parte homens que falavam a mesma língua que eu e que se diziam meus súbditos.

Às vezes penso que a bússola do meu geógrafo enlouqueceu e que nós, pensando que avançamos sempre para sul, na realidade talvez tenhamos andado às voltas em redor do mesmo ponto, sem nunca aumentar a distância que nos separa da capital; isso poderia explicar o motivo por que ainda não chegámos à extrema fronteira.

Mas o que mais amiúde me atormenta é o receio de que esse confim não exista, que o reino se estenda sem limites e que, por mais que eu avance, nunca consiga chegar ao fim.

Quando me pus a caminho tinha já mais de trinta anos, muito tarde talvez. Os amigos, os próprios familiares zombavam do meu projecto como inútil desperdício dos melhores anos da vida. Na verdade, poucos dos que me eram dedicados estiveram na disposição de partir.

Apesar de descuidado – muito mais do que sou agora! –, tive a preocupação de poder comunicar com os meus entes queridos durante a viagem, e entre os cavaleiros da minha escolta escolhi os sete melhores para me servirem de mensageiros.

Pensava eu, ignorante, que ter sete mensageiros fosse de facto um exagero. Com o passar do tempo apercebi-me de que, pelo contrário, era um número irrisório; por sorte nunca nenhum deles caiu doente, nem foi interceptado por assaltantes, nem estafou os cavalos. Todos eles

me têm servido com um afincio e uma abnegação que dificilmente poderei alguma vez recompensar.

Para os distinguir facilmente dei-lhes nomes cujas iniciais seguem a ordem alfabética: Alessandro, Bartolomeo, Caio, Domenico, Ettore, Federico, Gregorio.

Não estando habituado a permanecer longe de casa, despachei o primeiro, Alessandro, logo na noite do segundo dia de viagem, tínhamos já percorrido oitenta léguas. Na noite seguinte, para garantir a continuidade das comunicações, mandei o segundo, depois o terceiro e depois o quarto, e assim sucessivamente até à oitava noite de viagem, em que Gregorio partiu. O primeiro ainda não regressara.

Alcançou-nos no final do décimo dia, quando preparávamos o acampamento para a noite, num vale desabitado. Fiquei a saber por Alessandro que a sua rapidez fora inferior ao previsto; tinha pensado que avançando sozinho, montado num óptimo ginete, ele seria capaz de percorrer, em igual tempo, uma distância que fosse o dobro da nossa; em vez disso, percorrera só uma vez e meia a nossa; num dia, enquanto nós avançávamos quarenta léguas, ele devorava sessenta, mas não mais.

O mesmo se passou com os outros. Bartolomeo, que partiu para a cidade na terceira noite de viagem, alcançou-nos na décima quinta; Caio, que partiu na quarta noite, só na vigésima regressou. Depressa comprovei que bastava multiplicar por cinco os dias que até ali tinham passado para saber quando é que o mensageiro nos voltaria a apanhar.

À medida que nos afastávamos cada vez mais da capital, o itinerário dos mensageiros ia-se tornando sempre mais longo. Ao fim de cinquenta dias de caminho, o intervalo entre a chegada de um mensageiro e a do seguinte começou a espaçar-se sensivelmente; enquanto antes via chegar um ao acampamento de cinco em cinco dias, esse intervalo agora passou a ser de vinte e cinco; desse modo, a voz da minha cidade tornava-se cada vez mais débil; passavam-se semanas inteiras sem que me chegasse qualquer notícia dela.

Passados seis meses — tínhamos já atravessado os montes Fasani —, o intervalo entre a chegada de um mensageiro e a do outro aumentou para uns bons quatro meses. Traziam-me agora notícias remotas; os sobrescritos chegavam-me amarrotados, por vezes com manchas de humidade, das noites dormidas ao relento por aqueles que nos traziam.

Continuámos a avançar. Em vão tentava persuadir-me de que as nuvens que passavam por cima de mim eram iguais às da minha meninice, que o céu da cidade longínqua não era diferente da abóbada azul que me cobria, que o ar era o mesmo, igual o sopro do vento, idênticos os cantos dos pássaros. As nuvens, o céu, o ar, os ventos, os pássaros pareciam-me na verdade coisas novas e diferentes; e sentia-me um estrangeiro.

Adiante, adiante! Vagabundos que encontrava pelas planícies diziam-me que a fronteira não era longe. Eu exortava os meus homens a não pararem, apagava os tons de desalento que se formavam nos seus lábios. Tinham já passado quatro anos desde que eu partira; que longa canseira. A capital, a minha casa, o meu pai tinham-se tornado estranhamente remotos, quase como se não existissem. Vinte meses de silêncio e solidão decorriam agora entre uma aparição e outra dos mensageiros. Traziam-me curiosas cartas amarelecidas pelo tempo, e nelas encontrava nomes esquecidos, modos de dizer que me eram estranhos, sentimentos que não conseguia compreender. Na manhã seguinte, após uma única noite de repouso, enquanto nós retomávamos o caminho, o mensageiro partia na direcção oposta, levando para a cidade as cartas que eu já tinha preparadas havia muito tempo.

Oito anos e meio são passados. Esta noite jantava sozinho na minha tenda quando entrou Domenico, que ainda conseguia sorrir apesar de desfigurado pelo cansaço. Havia quase sete anos que não o via. Durante todo esse longo espaço de tempo ele não fizera senão correr através de pradarias, bosques e desertos, mudando de montada sabe-se lá quantas vezes, para me trazer aquele maço de cartas que até agora não tive vontade de abrir. Ele já foi dormir e partirá de novo amanhã mesmo, ao romper do dia.

Voltará a partir pela última vez. Fiz os cálculos no meu bloco de apontamentos, e se tudo correr bem, eu continuando o meu caminho como até agora e ele o seu, não poderei voltar a ver Domenico senão daqui a trinta e quatro anos. Nessa altura terei setenta e dois. Mas começo a sentir-me cansado e é provável que a morte me leve antes. Por isso nunca mais o verei.

Daqui a trinta e quatro anos – ou antes, muito antes – Domenico avistará inesperadamente as fogueiras do meu acampamento e perguntar-se-á por que motivo terei avançado tão pouco durante esse tempo. Tal como esta noite, o bom mensageiro entrará na minha

tenda com as cartas amarelecidas pelos anos, repletas de notícias absurdas de um tempo já enterrado; mas deter-se-á à entrada, ao ver-me imóvel, estendido no catre, ladeado por dois soldados de tochas na mão, morto.

Contudo, vai, Domenico, e não me digas que sou cruel! Leva a minha derradeira saudação à cidade onde nasci. Tu és a ligação que mantenho com o mundo que em tempos foi também meu. As mensagens mais recentes permitiram-me saber que muitas coisas mudaram, que o meu pai morreu, que a coroa passou para o meu irmão mais velho, que me dão como perdido, que construíram altos edifícios de pedra onde antes existiam os carvalhos sob cuja sombra costumava brincar. Mas continua a ser a minha velha pátria.

Tu és a minha última ligação a eles, Domenico. O quinto mensageiro, Ettore, que se Deus quiser me alcançará daqui a um ano e oito meses, não poderá partir de novo porque já não teria tempo de regressar. Depois de ti o silêncio, ó Domenico, a não ser que eu encontre finalmente os almejados confins. Mas quanto mais avanço, mais me vou convencendo de que não existe fronteira. Não existe, suspeito eu, fronteira, pelo menos no sentido em que estamos habituados a pensá-la. Não há muralhas de separação, nem trincheiras divisórias, nem montanhas que impeçam a passagem. Provavelmente atravessarei o limite sem tão-pouco dar por isso, e continuarei a ir em frente, ignaro.

Por isso pretendo que Ettore e depois dele os outros mensageiros, da próxima vez que me alcançarem, não voltem a tomar o caminho da capital, mas sim que sigam adiante, que me precedam, para que eu possa saber com antecedência aquilo que me espera.

Há uns tempos a esta parte uma ansiedade desusada desperta em mim à noite, e já não é a nostalgia das alegrias abandonadas, como acontecia nos primeiros tempos da viagem; é antes a impaciência de conhecer as terras ignotas para onde me dirijo. Tenho reparado – e até agora não contei a ninguém –, tenho reparado que de dia para dia, à medida que avanço para a improvável meta, do céu irradia uma luz insólita que nunca antes me aparecera, nem sequer em sonhos; e que as plantas, os montes, os rios que atravessamos parecem feitos de uma essência diferente dos da nossa terra e que o ar transporta presságios que não sei dizer.

Uma esperança nova me impulsionará a seguir em frente amanhã de manhã, na direcção daquelas montanhas inexploradas

que as sombras da noite vão ocultando. Uma vez mais levantarei o acampamento, enquanto Domenico desaparecerá no horizonte do lado oposto, para levar à cidade tão longínqua a minha inútil mensagem.

2

O ASSALTO AO GRANDE COMBOIO

Preso num caminho campestre e condenado apenas por contrabando – pois não o tinham reconhecido – Gaspare Planetta, o chefe dos salteadores, esteve três anos na cadeia.

Saiu de lá mudado. A doença consumira-o, tinha-lhe crescido a barba, parecia mais um velhote do que o famoso chefe de salteadores, o melhor atirador conhecido, incapaz de falhar um tiro.

Com as suas coisas num saco, pôs-se a caminho de monte Fumo, que fora o seu reino e onde os companheiros tinham ficado.

Foi num domingo de Junho que penetrou no vale ao fundo do qual ficava a casa deles. As veredas do bosque não tinham mudado: aqui uma raiz, mais acolá uma pedra especial de que ele bem se recordava. Tudo como dantes.

Como era dia de descanso, os bandidos estavam reunidos em casa. Ao aproximar-se, Planetta ouviu vozes e risos. Ao contrário do que era costume no seu tempo, a porta estava fechada.

Bateu duas ou três vezes. Lá dentro fez-se silêncio. Depois, perguntaram:

– Quem é?

– Venho da cidade – respondeu ele –, venho da parte de Planetta.

Queria fazer-lhes uma surpresa, mas quando abriram a porta e vieram ao seu encontro, Gaspare Planetta notou imediatamente que não o tinham reconhecido. Só o cão da quadrilha, o esquelético *Tromba*, lhe saltou para cima latindo de alegria.

A princípio os seus velhos companheiros, Cosimo, Marco, Felpa e ainda três ou quatro caras novas, rodearam-no pedindo notícias de Planetta. Ele contou que conhecera o chefe dos ladrões na prisão; disse que Planetta seria libertado dali a um mês e, entretanto, mandara-o ir até lá para saber como estavam as coisas.

Mas daí a pouco os bandidos desinteressaram-se do recém-chegado, encontrando pretextos para se afastarem. Só Cosimo ficou a falar com ele, mas sem o reconhecer.

– E quando voltar o que tenciona ele fazer? – perguntava-lhe, referindo-se ao velho chefe que estava na cadeia.

– O que tenciona fazer? – disse Planetta. – Então não pode voltar para aqui?

– Ah, sim, sim, eu não digo nada. Estava só a pensar nele. As coisas por aqui alteraram-se. E ele há-de querer continuar a chefiar, como se compreende, mas não sei...

– Não sabes o quê?

– Não sei se o Andrea estará disposto... com certeza irá levantar problemas... por mim pode voltar, nós os dois, aliás, sempre nos demos bem...

Gaspare Planetta soube assim que o novo chefe era Andrea, um dos seus companheiros de outros tempos, por acaso aquele que na altura parecia ser o mais estúpido.

Nesse instante a porta escancarou-se, dando entrada precisamente a Andrea, que parou no meio da casa. Planetta recordava-se de um espeto apático. Agora tinha diante de si um belo pedaço de salteador, com um rosto severo e um par de bigodes formidável.

Quando soube do recém-chegado, que também ele não reconheceu, disse-lhe, a respeito de Planetta:

– Ah, sim? Mas como é que ele não foi capaz de fugir? Não deve ser assim tão difícil. Também ao Marco o meteram dentro, e só lá esteve seis dias. O Stella também levou pouco tempo a fugir. E logo ele, que era o chefe, logo ele é que não conseguiu fazer boa figura.

– As coisas já não são como dantes, digamos assim – disse Planetta com um sorriso matreiro. – Agora há muitos guardas, substituíram as grades de ferro, nunca nos deixam sozinhos. E além disso ele adoeceu.

Assim disse; mas, entretanto, percebia que tinha sido excluído, percebia que um chefe de salteadores não se pode deixar prender, e muito menos ficar três anos dentro como um desgraçado qualquer; percebia que estava velho, que já não havia lugar para ele, que o seu tempo já passara.

– Disse-me – recomeçou com voz cansada, ele que costumava ser jovial e sereno –, Planetta disse-me que deixou aqui o cavalo, um cavalo branco, dizia ele, que se chama *Polák*, parece-me, e tem um inchaço por baixo dum joelho.

– Tinha, queres tu dizer, tinha – disse Andrea com arrogância, começando a desconfiar que quem ali estava era o próprio Planetta. – Se o cavalo morreu, a culpa não será nossa...

– Disse-me – continuou Planetta, calmo – que tinha cá deixado roupa, uma lanterna, um relógio.

E, entretanto, sorria levemente e aproximava-se da janela para que todos o pudessem ver bem. E de facto todos o viram bem, reconhecendo naquele velhote magro aquilo que restava do seu chefe, do famoso Gaspere Planetta, o melhor atirador conhecido, incapaz de falhar um tiro. Mas nenhum abriu a boca. Nem sequer Cosimo se atreveu a dizer alguma coisa. Todos fingiram que não o tinham reconhecido, porque estava presente Andrea, o novo chefe, de quem tinham medo. E Andrea não se deu por achado.

– Nas coisas dele ninguém tocou – disse Andrea. – Devem estar além, numa gaveta. Da roupa nada sei. Provavelmente outro qualquer a pôs a uso.

– Disse-me – continuou Planetta, imperturbável, desta vez já sem sorrir –, disse-me que deixou cá a espingarda, a sua arma de precisão.

– A espingarda ainda está aqui – respondeu Andrea – e poderá vir buscá-la.

– Dizia-me – prosseguiu Planetta –, dizia-me sempre: sabe-se lá como é que a usam, a minha espingarda, sabe-se lá que sucata vou encontrar quando regressar. Era muito afeiçoado à sua espingarda.

– Usei-a eu algumas vezes – admitiu Andrea num ligeiro tom de desafio –, mas lá por isso não a comi.

Gaspere Planetta sentou-se num banco. Sentia a febre do costume, nada por aí além, mas o bastante para lhe tornar a cabeça pesada.

– Ouve – disse, dirigindo-se a Andrea –, será que ma podias mostrar?

– Vai lá – respondeu Andrea, fazendo sinal a um dos bandidos que Planetta não conhecia –, anda, vai lá buscá-la.

Trouxeram a espingarda a Planetta. Ele examinou-a minuciosamente com ar preocupado e pouco a pouco pareceu acalmar-se. Acariciou o cano com as mãos.

– Bem – disse após uma longa pausa –, disse-me também que tinha cá deixado munições. Aliás, recordo-me exactamente: pólvora, seis medidas e oitenta e cinco balas.

– Mexam-se – disse Andrea em tom irritado –, mexam-se, vão-lhas lá buscar. E é ainda mais alguma coisa?

– É mais isto – disse Planetta com a maior das calmas, e, erguendo-se do banco, aproximou-se de Andrea e arrancou-lhe do cinto

um longo punhal embainhado. – É ainda mais isto – confirmou –, a sua faca de mato.

E voltou a sentar-se. Seguiu-se um longo e pesado silêncio. Finalmente, foi Andrea quem falou:

– Bem, boa noite – disse, para dar a entender a Planetta que já se podia ir embora.

Gaspore Planetta levantou os olhos, medindo a poderosa corpulência de Andrea. Poderia alguma vez desafiá-lo, enfermo e cansado como se sentia? Por isso ergueu-se lentamente, esperou que lhe dessem também as suas outras coisas, meteu tudo no saco e pôs a espingarda às costas.

– Então boa noite, meus senhores – disse, encaminhando-se para a porta.

Os bandidos ficaram mudos, petrificados de espanto, pois nunca teriam imaginado que Gaspore Planetta, o famoso chefe dos salteadores, pudesse ir-se embora assim, deixando-se humilhar daquela maneira. Cosimo foi o único que encontrou um fio de voz, uma voz estranhamente mortíça.

– Adeus, Planetta! – exclamou, pondo de parte todos os fingimentos. – Adeus e boa sorte!

Planetta afastou-se pelo bosque, por entre as sombras da noite, assobiando uma cantiguinha alegre.

Assim sucedeu a Planetta, agora que já não era chefe de salteadores, mas simplesmente Gaspore Planetta, filho do falecido Severino, de 48 anos de idade, sem morada fixa. Mas lá morada tinha ele, uma barraquinha que possuía no monte Fumo, metade de madeira e metade de pedra, no meio dos matagais, onde em tempos se refugiava quando andavam muitos guardas em serviço.

Planetta chegou à sua barraquita, acendeu o lume, contou o dinheiro que tinha – chegava-lhe para alguns meses – e começou a viver sozinho.

Mas uma noite, estava ele sentado ao pé do lume, a porta abriu-se de repente e apareceu um jovem com uma espingarda. Não teria mais de dezassete anos.

– O que se passa? – perguntou Planetta sem tão-pouco se pôr em pé.

O jovem tinha um ar atrevido, parecia-se com ele, Planetta, trinta anos antes.

– Estão aqui os do monte Fumo? Há três dias que os procuro.

O rapaz chamava-se Pietro. Contou-lhe sem hesitações que queria juntar-se aos salteadores. Sempre fizera vida de vagabundo e havia anos que pensava nisso, mas para ser salteador era preciso pelo menos ter uma espingarda, e tivera de esperar um bocado, mas agora já tinha roubado uma, e até era uma arma razoável.

– Vieste bater a boa porta – disse-lhe Planetta alegremente. – Eu sou o Planetta.

– Planetta, o chefe, queres tu dizer?

– Exactamente, ele mesmo.

– Mas não estavas na cadeia?

– Estive, por assim dizer – explicou Planetta arditosamente. – Estive lá três dias. Não conseguiram ter-me lá mais tempo.

O rapaz olhou-o com entusiasmo.

– E então, queres que fique contigo?

– Que fiques comigo? – disse Planetta. – Bem, por esta noite dormes aqui, e amanhã logo se vê.

Ficaram a viver juntos. Planetta não desiludiu o rapaz, fê-lo acreditar que continuava a ser o chefe, explicou-lhe que preferia viver sozinho e encontrar-se com os companheiros só quando era preciso. O rapaz acreditou que ele era poderoso e esperou grandes coisas dele.

Mas os dias passavam e Planetta não se mexia. Quando muito, dava umas voltas para caçar. Tirando isso, estava sempre ao pé do lume.

– Chefe – dizia Pietro –, quando é que me levas contigo para fazer qualquer coisa?

– Bom – respondia Planetta –, um dia destes organizamo-nos. Mando vir todos os companheiros, e hás-de ter motivos para te alegrares.

Mas os dias continuavam a passar.

– Chefe – dizia o rapaz –, soube que amanhã, lá em baixo na estrada do vale, amanhã passa por lá numa carruagem um mercador, um tal senhor Francesco, que deve trazer os bolsos bem recheados.

– Um tal Francesco? – repetia Planetta mostrando-se desinteressado. – Que pena, logo ele, conheço-o bem já há muito tempo. Uma bela raposa, é o que te digo, quando vai de viagem não leva nem um escudo, se levar roupa já é muito, com o medo que tem dos ladrões.

– Chefe – dizia o rapaz –, soube que amanhã passam dois carros cheios de coisas boas, tudo coisas de comer, o que dizes a isto, chefe?

– A sério? – respondia Planetta –, coisas de comer?

E deixava morrer o assunto, como se não fosse digno dele.

– Chefe – dizia o rapaz –, amanhã há festa na aldeia, andarà muita gente por aí, passarão muitas carruagens, muitos só regressarão de noite. Não era de aproveitar para fazer qualquer coisa?

– Quando há muita gente – respondia Planetta –, é melhor estar quieto. Quando há festa os gendarmes andam por aí. É melhor não nos fiarmos. Foi justamente nesse dia que fui preso.

– Chefe – dizia o rapaz passados uns dias –, diz-me a verdade, passa-se qualquer coisa contigo. Já não tens vontade de te mexer. Já nem sequer queres ir à caça. Aos companheiros não os queres ver. Tu deves estar doente, ontem devias mesmo ter febre, estás sempre agarrado ao lume. Porque não és franco comigo?

– Pode até ser que eu não esteja bem de saúde – dizia-lhe Planetta a sorrir –, mas não é aquilo que tu pensas. Se queres mesmo que te diga, pelo menos depois deixas-me em paz, é uma cretinice uma pessoa esfalfar-se para arranjar só uns tostões. Se me mexer, há-de valer o esforço. Bom, digamos que decidi esperar pelo Grande Comboio.

Referia-se ao Grande Comboio que uma vez por ano, precisamente a 12 de Setembro, transportava para a capital uma carrada de ouro, todos os impostos das províncias do Sul. Avançava por entre toques de corno ao longo da estrada principal, acompanhado do som das patas dos cavalos da guarda armada. Era o Grande Comboio imperial, com o enorme carro de ferro cheiinho de moedas, fechadas dentro de uma porção de saquetas. Os salteadores sonhavam com ele nas noites boas, mas há cem anos que ninguém conseguia assaltá-lo impunemente. Treze assaltantes tinham sido mortos e vinte metidos na cadeia. Nenhum se atrevia já a pensar nisso; para mais, de ano para ano o produto dos impostos crescia e a escolta armada aumentava. Soldados de cavalaria à frente e atrás, patrulhas a cavalo dos lados, os cocheiros, os palafreiros e os criados todos armados.

Abria o cortejo uma espécie de estafeta, com trompa e bandeira. A uma certa distância, seguiam vinte e quatro soldados de cavalaria, armados com espingardas, pistolas e espadões. Depois vinha o carro de ferro, com o brasão imperial em relevo, puxado por dezasseis cavalos. Outros vinte e quatro soldados de cavalaria atrás, e mais

doze de cada lado. Cem mil ducados de ouro e mil onças de prata, destinados aos cofres imperiais.

Saindo e entrando nos vales, o fabuloso Comboio passava em galope cerrado. Luca Toro, cem anos antes, tivera a coragem de o assaltar, e correu-lhe miraculosamente bem. Era aquela a primeira vez, e a escolta teve medo. Luca Toro depois fugiu para o Oriente, e viveu como um senhor.

À distância de muitos anos, outros salteadores haviam tentado; para mencionar só alguns, Giovanni Borso, o Alemão, o Sergio dos Ratos, o Conde e o Chefe dos trinta e oito. Todos eles, na manhã seguinte, estavam estendidos na beira da estrada com a cabeça esmagada.

– O Grande Comboio? Queres arriscar-te mesmo a sério? – perguntou o rapaz, espantado.

– Claro que sim, quero arriscar. Se me sair bem, estou garantido para sempre.

Assim falou Gaspare Planetta, mas lá no seu íntimo nem pensava nisso. Seria uma loucura total, mesmo que fossem vinte, atacar o Grande Comboio. Quanto mais sozinho.

Tinha dito aquilo por brincadeira, mas Pietro levou-o a sério e olhou Planetta com admiração.

– Diz-me cá – perguntou o rapaz –, e quantos serão?

– Seremos pelo menos uns quinze.

– E quando?

– Temos tempo – respondeu Planetta. – Tenho de perguntar aos companheiros. Isto não é caso para brincadeira.

Mas os dias, como é costume, não fizeram cerimónia em passar, e os bosques começaram a tornar-se vermelhos. O rapaz esperava com impaciência. Planetta deixava-o acreditar, e nas longas noites passadas perto do lume falava do grande projecto e também ele se divertia. Havia momentos em que chegava a pensar que poderia ser verdade.

A 11 de Setembro, na véspera, o rapaz andou por fora até a noite já ir alta. Quando voltou tinha uma expressão sombria.

– O que aconteceu? – perguntou Planetta, sentado diante do lume como de costume.

– Aconteceu que finalmente encontrei os teus companheiros.

Fez-se um longo silêncio em que se ouviu crepitar o fogo. Ouviu-se também o som do vento que soprava lá fora, nos matagais.

– E então – disse por fim Planetta num tom de voz que pretendia parecer brincalhão –, contaram-te tudo, não é verdade?

– É claro – respondeu o rapaz. – Contaram-me absolutamente tudo.

– Muito bem – acrescentou Planetta, e de novo se fez silêncio no compartimento cheio de fumo, em que havia apenas a luz do fogo.

– Disseram-me que fosse com eles – ousou por fim o rapaz. – Disseram-me que há muito que fazer.

– Com certeza – aprovou Planetta. – Serias estúpido se não fosses.

– Chefe – perguntou então Pietro com uma voz quase de choro –, porque não me disseste a verdade, para quê todas aquelas patranhas?

– Que patranhas? – replicou Planetta, que se esforçava para manter o seu habitual tom alegre. – Mas que patranhas é que eu te contei? Apenas te deixei acreditar, nada mais. Não te quis desiludir. Foi só isso, na realidade.

– Não é verdade – disse o rapaz. – Seguraste-me aqui com promessas, e só para fazeres pouco de mim. Amanhã, já sabes...

– Amanhã o quê? – perguntou Planetta, outra vez sereno. – Referes-te ao Grande Comboio?

– Pois, e eu, imbecil, a acreditar em ti – resmungou o rapaz, irritado. – Aliás, devia ter percebido, doente como estás, não sei o que poderias...

Calou-se por alguns segundos, e depois concluiu em voz baixa:

– Portanto, amanhã vou-me embora.

Mas no dia seguinte o primeiro a despertar foi Planetta. Levantou-se sem acordar o rapaz, vestiu-se à pressa e pegou na espingarda. Só quando ele ia a sair é que Pietro acordou.

– Chefe – perguntou-lhe, chamando-o assim por hábito –, onde vais a esta hora, pode-se saber?

– Pode-se saber, sim senhor – respondeu Planetta a sorrir. – Vou fazer uma espera ao Grande Comboio.

O rapaz, sem lhe responder, voltou-se para o outro lado da cama, como que a dizer que já estava farto daquelas histórias estúpidas.

Contudo, não eram histórias. Planetta, para manter a promessa — embora feita por brincadeira —, agora que ficara sozinho, Planetta foi assaltar o Grande Comboio.

Os companheiros tinham feito pouco dele. Que ao menos aquele rapaz ficasse a saber quem era Gaspere Planetta. Mas não, nem sequer aquele rapaz lhe importava. No fundo fazia-o por si próprio, para se sentir o mesmo de outros tempos, ainda que fosse pela última vez. Ninguém o veria, talvez ninguém chegasse sequer a saber, se fosse logo morto; mas isso não tinha importância. Era uma questão pessoal, entre ele e o antigo e poderoso Planetta. Uma espécie de aposta por uma proeza desesperada.

Pietro deixou Planetta ir-se embora. Mas depois surgiu-lhe uma dúvida: e se Planetta fosse de facto fazer o assalto? Era uma dúvida ligeira e absurda, no entanto Pietro levantou-se e saiu à procura dele. Planetta mostrara-lhe muitas vezes qual era o melhor sítio para fazer uma espera ao Comboio. Iria lá ver. O dia já tinha nascido, mas grandes nuvens de tempestade atravessavam o céu. A luz era clara e cinzenta. De vez em quando, um pássaro cantava. Nos intervalos ouvia-se o silêncio. Pietro correu pelas matas abaixo até ao fundo do vale, onde passava a estrada principal. Avançava cauteloso por entre as moitas na direcção de um grupo de castanheiros, onde Planetta devia estar.

Planetta, de facto, estava lá, escondido atrás de um tronco, e tinha feito um pequeno abrigo de ervas e ramos para ter a certeza de que não o podiam ver. Estava em cima de uma espécie de lomba que dominava uma curva apertada da estrada — um troço em subida acentuada, onde os cavalos eram obrigados a abrandar. Por isso se poderia disparar bem dali.

O rapaz olhou para o fundo da planície a sul, que se perdia no infinito, cortada em duas pela estrada. Viu no horizonte uma nuvem de pó que se movia.

A nuvem que se movia, avançando ao longo da estrada, era a poeira levantada pelo Grande Comboio.

Planetta estava a colocar a arma em posição com a maior indiferença, quando ouviu qualquer coisa agitar-se perto de si. Voltou-se e viu o rapaz escondido atrás da árvore mais próxima, com a sua espingarda.

— Chefe — disse o rapaz, ofegante. — Planetta, vem-te embora. Enlouqueceste?

– Caluda – respondeu Planetta, sorrindo. – Louco por enquanto não sou. Volta para trás imediatamente.

– Estás louco, estou-te a dizer, Planetta; estás à espera que os teus companheiros venham, mas não vêm, eles disseram-me, nem lhes passa tal coisa pela cabeça.

– Virão, oh se virão, é questão de esperar um bocado. É mania deles chegarem sempre atrasados.

– Planetta – suplicou o rapaz –, faz o que eu te peço, vem-te embora. Eu ontem à noite estava a brincar, não te quero deixar.

– Bem sei, já tinha percebido – riu-se Planetta, bonacheirão. – Mas agora basta, vai-te embora, já te disse, e depressa, que isto não é lugar para ti.

– Planetta – insistiu o rapaz –, não vês que é uma loucura? Não vês quantos são? O que queres tu fazer sozinho?

– Por amor de Deus, vai-te embora – gritou Planetta contendo a voz, finalmente enfurecido. – Não percebes que assim me estragas os planos?

Nesse momento começavam a distinguir-se, ao fundo da estrada principal, os soldados de cavalaria do Grande Comboio, o carro e a bandeira.

– Vai-te, pela última vez – repetiu Planetta, furioso.

E o rapaz finalmente moveu-se, afastou-se rastejando por entre as moitas, até que desapareceu.

Planetta ouviu então o ruído das patas dos cavalos, lançou uma olhadela às grandes nuvens de chumbo prestes a rebentar e viu três ou quatro corvos no céu. O Grande Comboio afrouxava a marcha, iniciando a subida.

Planetta tinha o dedo no gatilho e nisto apercebeu-se de que o rapaz voltara, rastejando, e se posicionara outra vez atrás da árvore.

– Viste? – sussurrou Pietro. – Viste como eles não vieram?

– Patife – murmurou Planetta reprimindo um sorriso, sem mexer sequer a cabeça. – Patife, agora fica quieto, já é muito tarde para movimentações, atenção que agora vem a parte difícil.

Trezentos metros, duzentos, o Grande Comboio aproximava-se. Já se distinguia o enorme brasão em relevo nos lados do precioso carro, e ouviam-se as vozes dos soldados a cavalo conversando uns com os outros.

Mas nesse instante o rapaz sentiu finalmente medo. Compreendeu que era uma empresa louca, na qual era impossível ter êxito.

– Viste como não vieram? – sussurrou em tom desesperado. – Por amor de Deus, não dispares.

Mas Planetta não se comoveu.

– Atenção – murmurou alegremente, como se não tivesse ouvido.
– Meus senhores, isto vai começar.

Planetta ajustou a mira, a sua mira formidável que não podia falhar. Mas nesse instante, do lado oposto do vale ressoou um tiro seco.

– Caçadores! – comentou Planetta em tom jocoso, enquanto o terrível eco se difundia. – Caçadores! Não há que ter medo. Ainda é melhor assim, fará confusão.

Mas não eram caçadores. Gaspere Planetta ouviu um gemido a seu lado. Voltou a cara e viu que o rapaz tinha largado a espingarda e se deixava cair de costas no chão.

– Acertaram-me! – queixou-se. – Ai, mãezinha!

Quem disparara não foram caçadores, mas sim os soldados de cavalaria da escolta do Comboio que seguiam à frente do cortejo, espalhando-se pelas encostas do vale, para gorar possíveis emboscadas. Eram todos atiradores escolhidos, seleccionados nas competições. Tinham armas de precisão.

Ao perscrutar o bosque, um dos soldados vira o rapaz mover-se por entre a vegetação. Depois vira-o estender-se no chão e por fim lobrigara também o velho salteador.

Planetta soltou um impropério. Pôs-se de joelhos com precaução, para socorrer o companheiro. Estalou outro tiro.

A bala partiu a direito através do pequeno vale, sob as nuvens de tempestade, e depois, de acordo com as leis da trajectória, começou a baixar. Tinha sido disparada para a cabeça; em vez disso entrou pelo peito, passando perto do coração.

Planetta caiu de chofre. Fez-se um grande silêncio, como ele nunca tinha ouvido. O Grande Comboio tinha parado. A tempestade não se decidia a começar. Os corvos andavam lá no céu. Estavam todos à espera.

O rapaz voltou a cabeça e sorriu:

– Tinhas razão – balbuciou –, os companheiros vieram. Já os viste, chefe?

Planetta não foi capaz de responder, mas com um supremo esforço voltou os olhos para o lado indicado.

Atrás deles, numa clareira do bosque, tinham aparecido uns trinta cavaleiros de espingarda a tiracolo. Pareciam diáfanos como uma

nuvem, no entanto destacavam-se nitidamente sobre o fundo escuro da floresta. Dir-se-iam salteadores, pelo absurdo das fardas e pelas caras atrevidas.

De facto, Planetta reconheceu-os. Eram mesmo os antigos companheiros, eram os salteadores já mortos que o vinham buscar. Rostos curtidos pelo sol, longas cicatrizes oblíquas, horríveis bigodeiras de general, barbas esvoaçando ao vento, olhos duros e clarísimos, as mãos nas ancas, esporas incríveis, grandes botões dourados, caras honestas e simpáticas empoeiradas pelas batalhas.

Lá está o bom do Paolo, de compreensão lenta, morto no assalto do Moinho. Olha o Pietro del Ferro, que nunca tinha sabido montar, olha o Giorgio Pertica, olha o Frediano, que morreu de frio, todos os bons velhos companheiros que vira morrer um a um. E aquele homenzarrão de grandes bigodes e uma espingarda tão comprida como ele, em cima daquele cavalo branco magrizelas, não era o Conde, o famigerado chefe, também ele tombado por causa do Grande Comboio? Sim, era ele mesmo. O Conde, com o rosto iluminado de cordialidade e extraordinária satisfação. E estaria Planetta enganado, ou o último à esquerda, que ali estava tão direito e imponente, estaria Planetta enganado ou era Marco Grande em pessoa, o mais famoso dos antigos chefes? Marco Grande, enforcado na capital, na presença do imperador e de quatro regimentos armados? Marco Grande, cujo nome, passados cinquenta anos, ainda era pronunciado em voz baixa? Era precisamente ele, ali presente para também homenagear Planetta, o último chefe desventurado e destemido.

Os salteadores mortos ali estavam em silêncio, visivelmente comovidos, mas inundados por uma alegria comum. Esperavam que Planetta se movesse.

Com efeito, Planetta, tal como o rapaz, levantou-se do chão, já não em carne e osso como antes, mas tão diáfano como os outros e, contudo, igual a si mesmo.

Lançando um olhar ao seu pobre corpo que jazia por terra, encolhido, Gaspere Planetta encolheu os ombros, como que a dizer a si mesmo que se estava nas tintas, e foi até à clareira, agora indiferente aos possíveis disparos. Dirigiu-se aos antigos companheiros e sentiu-se invadir de contentamento.

La começar a cumprimentá-los um por um, quando reparou que logo na primeira fila estava um cavalo devidamente selado, mas sem cavaleiro. Instintivamente avançou para ele a sorrir.

– Na verdade – exclamou, espantando-se com o estranho tom da sua nova voz. – Na verdade, este não será o meu *Polàk*, em melhor forma do que nunca?

Era realmente *Polàk*, o seu querido cavalo, que reconhecendo o dono soltou uma espécie de nitrido; temos de dizer assim porque a voz dos cavalos mortos é mais doce do que a voz que lhes conhecemos.

Planetta deu-lhe duas ou três palmadas afectuosas, antegozando a beleza da próxima cavalgada na companhia dos seus fiéis amigos em direcção ao reino dos salteadores mortos, que ele não conhecia, mas que era legítimo imaginar cheio de sol, com uma aragem primaveril, e longas estradas brancas sem poeira que conduziam a aventuras prodigiosas.

Com a mão esquerda apoiada no cimo da sela, preparava-se para saltar para a garupa.

– Obrigado, rapazes – disse Gaspare Planetta, esforçando-se para não se deixar vencer pela comoção. – Juro-vos que...

Aqui interrompeu-se porque se recordou do rapaz, o qual, também ele convertido em fantasma, se mantinha à parte, numa atitude de espera, com o embaraço que se sente na companhia de pessoas acabadas de conhecer.

– Ah, desculpa – disse Planetta. E dirigindo-se aos salteadores mortos: – Temos aqui um bravo companheiro. Tinha só dezassete anos, havia de se fazer um homem às direitas.

Os salteadores, todos a sorrir, uns mais, outros menos, inclinaram ligeiramente a cabeça dando-lhe as boas-vindas.

Planetta ficou calado e olhou em volta, indeciso. O que devia fazer? Ir-se embora com os companheiros, deixando Pietro sozinho? Deu mais duas ou três palmadas no cavalo, tossicou com matreirice e depois disse ao rapaz:

– Bem, avança, salta tu para o cavalo. É justo que sejas tu a divertires-te. Avança, avança, deixa-te de histórias – acrescentou com fingida severidade, vendo que o rapaz não se atrevia a aceitar.

– Se é mesmo isso que queres! – exclamou por fim o jovem, visivelmente lisonjeado.

E com uma agilidade que ele próprio nunca teria esperado, tão pouca fora a prática que até ali tivera de equitação, de um salto o rapaz ficou sentado na sela.

Os salteadores agitaram os chapéus saudando Gaspare Planetta, e alguns piscaram o olho amistosamente, como a dizer até à vista. Esporearam os cavalos e partiram a galope.

Partiram como balas, afastando-se por entre a vegetação. Era espantoso como eles se lançavam pelos meandros do bosque e os atravessavam sem afrouxar o passo. Os cavalos tinham um galope suave e agradável de ver. Já ao longe, alguns salteadores e o rapaz ainda agitaram o chapéu.

Planetta, ficando sozinho, deitou um olhar circular ao vale. Olhou de soslaio, só pelo canto do olho, o seu corpo agora inútil que jazia aos pés da árvore. Depois dirigiu o olhar para a estrada. O Comboio continuava parado para lá da curva e por isso não era visível. Na estrada estavam apenas seis ou sete soldados de cavalaria da escolta; estavam parados e olhavam para Planetta.

Ainda que possa parecer inacreditável, tinham podido observar a cena: os fantasmas dos salteadores mortos, as saudações, a cavalgada. Em certos dias de Setembro, sob as nuvens de tempestade, ninguém disse que certas coisas não possam acontecer.

Quando Planetta, tendo ficado só, se voltou, o porta-estandarte apercebeu-se de que estava a ser observado. Então endireitou o busto e fez continência, como se usa entre militares.

Planetta levou a mão à aba do chapéu, num gesto muito confidencial, mas cheio de bonomia, franzindo os lábios num sorriso. Depois encolheu os ombros outra vez, a segunda naquele dia. Girou sobre a perna esquerda dando as costas aos soldados, meteu as mãos nas algibeiras e lá foi assobiando, assobiando sim, uma marchinha militar. Foi andando na direcção em que os companheiros tinham desaparecido, encaminhando-se para o reino dos salteadores mortos, que ele não conhecia, mas que era lícito imaginar melhor do que este.

Os soldados de cavalaria viram-no tornar-se cada vez mais pequeno e diáfano; tinha um passo ligeiro e veloz que contrastava com a sua figura já de velhote, um andamento alegre como só têm os homens na casa dos vinte, quando são felizes.

3

SETE ANDARES

Após um dia de viagem de comboio, Giuseppe Corte chegou, numa manhã de Março, à cidade onde existia a famosa casa de saúde. Tinha um pouco de febre, mas apesar disso decidiu fazer a pé o caminho entre a estação e o hospital, transportando a maleta. Embora tivesse apenas uma forma ligeira e incipiente da doença, Giuseppe Corte fora aconselhado a dirigir-se ao célebre sanatório, onde a única doença que se tratava era aquela.

Isso garantia uma excepcional competência dos médicos e a mais racional organização das instalações.

Quando o avistou de longe – e o reconheceu por ter já visto uma fotografia num folheto publicitário –, Giuseppe Corte teve uma ótima impressão. O edifício branco de sete andares era sulcado por reentrâncias regulares que lhe davam uma vaga aparência de hotel. Estava rodeado a toda a volta por árvores de grande porte.

Após uma consulta médica sumária, à espera de um exame mais minucioso e completo, Giuseppe Corte foi instalado num alegre quarto do sétimo e último andar. Os móveis eram claros e asseados tal como o papel de parede, as poltronas eram de madeira, as almofadas forradas de tecidos policromos. A vista espalhava-se sobre um dos bairros mais bonitos da cidade. Tudo era calmo, hospitaleiro e reconfortante.

Giuseppe Corte meteu-se logo na cama, acendeu a lâmpada por cima da cabeceira e começou a ler um livro que trouxera consigo. Pouco depois entrou uma enfermeira para lhe perguntar se desejava alguma coisa.

Giuseppe Corte não desejava nada, mas pôs-se a conversar com a jovem prazenteiramente, pedindo-lhe informações sobre a casa de saúde. Soube assim da estranha particularidade daquele hospital. Os doentes eram distribuídos pelos andares de acordo com a sua gravidade. No sétimo, ou seja, no último, eram alojados os doentes muito ligeiros. O sexto destinava-se aos doentes não graves, mas

também não negligenciáveis. No quinto já se tratavam afecções sérias, e assim sucessivamente de piso para piso. No segundo estavam os doentes muito graves. No primeiro, aqueles de quem já não havia nada a esperar.

Este sistema singular, além de despachar muito o serviço, impedia que um doente ligeiro fosse incomodado pela proximidade de um colega agonizante e garantia um clima homogéneo em cada andar. Por outro lado, o tratamento assim podia ser graduado de maneira perfeita e com os melhores resultados. Como efeito deste método, os doentes estavam divididos em sete castas progressivas. Cada andar era como um pequeno mundo à parte, com as suas regras particulares, com as suas tradições especiais que nos outros andares não tinham qualquer valor. E como cada sector era dirigido por um médico diferente, tinham-se definido diferenças precisas, ainda que absolutamente mínimas, nos métodos de tratamento, muito embora o director-geral tivesse imprimido ao estabelecimento uma única orientação fundamental.

Quando a enfermeira saiu, Giuseppe Corte, parecendo-lhe que a febre tinha passado, foi à janela e olhou para fora, não para observar o panorama da cidade, apesar de esta ser nova para ele, mas na esperança de avistar através das janelas outros doentes dos pisos inferiores. A estrutura do edifício, com grandes reentrâncias, permitia esse tipo de observação. Giuseppe Corte centrou a sua atenção sobretudo nas janelas do primeiro piso, que pareciam muito distantes e só se viam de esguelha. Mas não conseguiu ver nada de interessante. Na sua maioria estavam hermeticamente fechadas com persianas cinzentas de correr. Reparou que a uma janela ao lado da sua se assomava um homem. Olharam-se demoradamente com crescente simpatia, mas não sabiam como romper aquele silêncio. Por fim, Giuseppe Corte ganhou coragem e disse:

– O senhor também está cá há pouco tempo?

– Oh, não – disse o outro –, já cá estou há dois meses...

Calou-se por uns instantes e depois, sem saber como continuar a conversa, acrescentou:

– Olhava para baixo, para o meu irmão.

– Seu irmão?

– Sim – explicou o desconhecido. – Entrámos juntos, é um caso realmente estranho, mas ele foi piorando, veja lá que neste momento já está no quarto.

– No quarto quê?

– No quarto piso – explicou o indivíduo, pronunciando as duas palavras com uma tal expressão de piedade e horror que Giuseppe Corte ficou quase aterrorizado.

– Mas estão num estado assim tão grave no quarto piso? – perguntou cautelosamente.

– Pois bem – disse o outro abanando lentamente a cabeça –, não são ainda casos desesperados, mas de qualquer modo há poucos motivos para nos alegrarmos.

– Mas então – indagou ainda Corte com uma descontraída desenvoltura, como quem fala de coisas trágicas que não lhe dizem respeito –, então, se no quarto já estão assim tão mal, no primeiro afinal quem é que põem?

– Ah – disse o outro –, no primeiro só estão mesmo os moribundos. Os médicos lá já não têm nada que fazer. Lá só o padre é que trabalha. E naturalmente...

– Mas no primeiro piso há poucos – interrompeu Giuseppe Corte, como se fosse urgente que lho confirmassem. – Os quartos lá em baixo estão quase todos fechados.

– Há poucos agora, mas esta manhã havia lá muitos – ripostou o desconhecido com um sorriso subtil. – Onde as persianas estão corridas, morreu alguém há pouco. Pois não vê que nos outros andares todas as portadas estão abertas? Mas queira desculpar – acrescentou recuando lentamente –, parece-me que está a começar a fazer frio. Vou voltar para a cama. Boa sorte, boa sorte...

O homem desapareceu do parapeito e a janela foi fechada energicamente; depois viu-se acender uma luz lá dentro. Giuseppe Corte ficou ainda imóvel à janela, olhando fixamente as persianas fechadas do primeiro piso. Fixava-as com uma intensidade mórbida, tentando imaginar os fúnebres segredos daquele terrível primeiro piso para onde os doentes eram desterrados para morrer; e sentia-se aliviado por se encontrar tão longe dele. Entretanto, as sombras da noite caíam sobre a cidade. Uma a uma, as mil janelas do sanatório iluminavam-se; de longe, faria lembrar um palácio em festa. Só no primeiro piso, lá em baixo no fundo do precipício, dezenas e dezenas de janelas se mantinham cegas e escuras.

O resultado do exame médico geral tranquilizou Giuseppe Corte. Habitualmente propenso a prever o pior, lá no íntimo já se tinha preparado para um veredicto severo, e não teria ficado surpreendido

se o médico lhe tivesse dito que tinha de o mandar para o piso inferior. De facto, a febre não dava mostras de ceder, apesar de o estado geral ser bom. O clínico, porém, dirigiu-lhe palavras cordiais e encorajadoras. Existia na verdade um início de doença, disse-lhe, mas muito ligeiro; dentro de duas ou três semanas provavelmente tudo teria passado.

Ao ouvir aquilo, perguntara ansiosamente:

– Quer dizer que fico no sétimo andar?

– Mas naturalmente! – respondera o médico, dando-lhe uma palmada amigável nas costas.

E, a rir, perguntou, como se aludisse à mais absurda das hipóteses: – Então para onde pensava que ia? Para o quarto, se calhar?

– Melhor assim, melhor assim – disse Corte. – Sabe? É que quando estamos doentes imaginamos sempre o pior...

Na verdade, Giuseppe Corte ficou no quarto que lhe fora atribuído inicialmente. Começou a conhecer alguns dos companheiros de hospital, nas poucas tardes em que lhe era permitido levantar-se. Seguiu o tratamento com cuidado e pôs todo o empenho possível numa cura rápida; no entanto, o seu estado parecia manter-se estacionário.

Tinham passado cerca de dez dias quando o chefe dos enfermeiros do sétimo piso se apresentou a Giuseppe Corte. Tinha de lhe pedir um favor numa base puramente amigável; no dia seguinte dava entrada no hospital uma senhora com duas crianças; havia dois quartos livres justamente ao lado do seu, mas faltava o terceiro; estaria o senhor Corte disposto a mudar-se para outro quarto igualmente confortável?

Giuseppe Corte, como é natural, não pôs nenhuma objecção; um quarto ou outro, para ele era indiferente; talvez lhe calhasse até outra enfermeira mais jeitosa.

– Agradeço-lhe de todo o coração – disse o enfermeiro-chefe com uma ligeira vénia, acrescentando em voz branda, como se se tratasse de um pormenor absolutamente irrelevante: – De uma pessoa como o senhor, confesso que não me surpreende um acto de cavalheirismo tão gentil. Dentro de uma hora, se não tiver nada em contrário, faremos a mudança. Olhe que terá de passar para o piso de baixo. Infelizmente neste piso não há nenhum quarto vago. Mas é uma acomodação provisória.

Apressou-se a especificar ao ver que Corte, tendo-se sentado na cama de um salto, ia abrir a boca para protestar.

– Uma acomodação absolutamente provisória. Assim que algum quarto ficar livre, o que creio ocorrerá dentro de dois ou três dias, poderá voltar para cima.

– Confesso-lhe – disse Giuseppe Corte sorrindo, para mostrar que não era nenhuma criança –, confesso-lhe que uma mudança deste tipo não me agrada de todo.

– Mas esta mudança não é por qualquer motivo médico; compreendo muito bem aquilo que quer dizer, mas trata-se apenas de uma gentileza para com esta senhora, que prefere não ficar separada dos filhos... Por amor de Deus – acrescentou, rindo abertamente –, que não lhe venha sequer à ideia que existam outras razões!

E assim Corte passou para o sexto andar, e embora convencido de que esta mudança não correspondia de maneira nenhuma a um agravamento do seu mal, sentia-se incomodado com o pensamento de que entre ele e o mundo normal, da gente sã, já se interpunha um nítido obstáculo. No sétimo piso, porto de chegada, estava-se ainda de certo modo em contacto com a sociedade dos homens; quase se podia considerá-lo um prolongamento do mundo normal. Mas no sexto já se entrava no verdadeiro corpo do hospital; já a mentalidade dos médicos, das enfermeiras e dos próprios doentes era ligeiramente diferente. Já se admitia que naquele piso eram acolhidas pessoas realmente doentes, conquanto sem gravidade. Pelas primeiras conversas com os vizinhos de quarto, com o pessoal e com os médicos, verificou que de facto naquela secção o sétimo piso era considerado uma brincadeira, reservado a doentes amadores, afectados sobretudo por manias; só a partir do sexto, por assim dizer, é que se começava realmente.

Seja como for, Giuseppe Corte compreendeu que para voltar lá para cima, para o lugar que lhe competia pelas características do seu mal, iria com certeza encontrar dificuldades; para regressar ao sétimo piso tinha de pôr em acção toda uma estratégia, ainda que com um esforço mínimo; o que é certo é que se ele não falasse, ninguém pensaria em transferi-lo outra vez para o piso superior, o dos «quase-sãos».

Giuseppe Corte estava, pois, decidido a não transigir no tocante aos seus direitos e a não se deixar embromar pelo hábito. Tinha a preocupação de esclarecer os companheiros de secção de que se

encontrava entre eles só por poucos dias, que ele próprio se dispusera a descer um piso para fazer um favor a uma senhora, e que assim que houvesse um quarto livre voltaria lá para cima. Os outros anuíam, pouco convencidos.

A convicção de Giuseppe Corte encontrou plena confirmação no parecer do novo médico. Também ele admitia que Corte podia muito bem ser instalado no sétimo andar; a sua forma da doença era ab-so-lu-ta-men-te li-gei-ra – e escandia essa classificação para lhe dar importância –, mas no fundo achava que no sexto piso Giuseppe Corte talvez pudesse ser mais bem tratado.

– Não comecemos com essas histórias – intervinha nessa altura o doente, com decisão. – O senhor disse-me que o meu lugar é no sétimo piso e quero voltar para lá.

– Ninguém disse o contrário – retorquia o médico –, era pura e simplesmente um conselho, não como médico, mas como ver-da-dei-ro a-mi-go! A sua forma da doença, repito, é ligeiríssima. Se dissesse que o senhor nem sequer está doente não seria exagero, mas em minha opinião distingue-se de formas análogas por uma espécie de maior extensão. Explico melhor: a intensidade do mal é mínima, mas a amplitude é considerável; o processo destrutivo das células – era a primeira vez que Giuseppe Corte ouvia ali no hospital aquela expressão sinistra –, o processo destrutivo das células está absolutamente no início, talvez nem tenha ainda começado, mas tende, digo apenas *tende*, a atingir ao mesmo tempo vastas partes do organismo. É apenas por isso que, em minha opinião, o senhor poderá ser tratado com mais eficácia aqui no sexto piso, onde os métodos terapêuticos são mais típicos e intensivos.

Um dia disseram-lhe que o director-geral da casa de saúde, depois de ter conferenciado longamente com os seus colaboradores, decidira alterar a distribuição dos doentes. O grau de cada um deles baixava meio ponto. Admitindo que em cada piso os doentes estivessem divididos, de acordo com a sua gravidade, em duas categorias – divisão que era efectivamente feita pelos respectivos médicos, mas para uso exclusivamente interno –, a categoria inferior era por regra transferida para um piso mais baixo. Por exemplo, metade dos doentes do sexto piso, aqueles que apresentavam formas da doença ligeiramente mais avançadas, tinham de passar para o quinto, e as formas menos ligeiras do sétimo tinham de passar para o sexto. A notícia agradou a Giuseppe Corte, pois num quadro de transferências

tão abrangente o seu regresso ao sétimo piso tornar-se-ia mais fácil.

Quando falou desta sua esperança à enfermeira teve, porém, uma amarga surpresa. Soube que seria transferido, não para o sétimo piso, mas sim para o andar de baixo. Por motivos que a enfermeira não lhe podia explicar, ele fora incluído na metade mais «grave» dos alojados no sexto piso e por isso tinha de descer para o quinto.

Passada a surpresa inicial, Giuseppe Corte ficou furioso; gritou que o estavam a enganar de maneira vil, que nem queria ouvir falar em mais mudanças para baixo, que voltava para casa, que direitos eram direitos e que a administração do hospital não podia ignorar tão claramente o diagnóstico dos médicos. Ainda ele estava a gritar, chegou o médico, ofegante, para o tranquilizar. Aconselhou-o a acalmar-se se não queria que a febre subisse, e explicou-lhe que houvera um mal-entendido, pelo menos parcial. Admitiu uma vez mais que Giuseppe Corte estaria no lugar certo se o tivessem posto no sétimo piso, mas acrescentou que tinha a respeito do seu caso uma ideia ligeiramente diferente, embora muito pessoal. No fundo a sua doença podia até ser considerada – num certo sentido, bem entendido de sexto grau, dada a amplitude das manifestações doentias. Mas nem ele próprio era capaz de explicar porque é que Corte fora incluído na metade inferior do sexto piso. Provavelmente o secretário da direcção, que justamente nessa manhã lhe telefonara a perguntar qual a situação clínica exacta de Giuseppe Corte, enganara-se a transcrever. Ou então a direcção, intencionalmente, tinha «agravado» ligeiramente o seu parecer, uma vez que ele era considerado um médico entendido, mas demasiado indulgente. Por fim, o doutor aconselhava Corte a não se preocupar e a aceitar a transferência sem protestar; o que importava era a doença, e não o sítio onde um doente era colocado.

No que respeitava ao tratamento – acrescentou ainda o clínico – Giuseppe Corte não iria ter razão de queixa; o médico do piso de baixo tinha sem dúvida mais experiência; era quase categórico que a perícia dos médicos fosse crescendo à medida que se descia, pelo menos na opinião da direcção. O quarto seria tão cómodo e elegante como este, e a vista igualmente ampla; só do terceiro piso para baixo as árvores impediam a vista.

Giuseppe Corte, atacado pela febre nocturna, ia ouvindo as meticulosas justificações do médico com crescente fadiga. Por fim

viu que lhe faltavam as forças e sobretudo a vontade para continuar a reagir à injusta transferência. E deixou-se levar para o piso de baixo.

A única consolação — embora fraca — de Giuseppe Corte quando se encontrou no quinto piso foi saber que na opinião unânime de médicos, enfermeiros e doentes, naquela secção ele era o doente menos grave de todos. Isto é, no âmbito daquele piso podia considerar-se de longe o mais afortunado. Mas por outro lado atormentava-o o pensamento de que agora já eram duas as barreiras que se interpunham entre ele e o mundo das pessoas normais.

A Primavera avançava e o ar ia-se tornando mais morno, mas Giuseppe Corte já não gostava de se pôr à janela como nos primeiros dias; embora tal receio fosse pura tolice, sentia-se invadir por um estranho calafrio à vista das janelas do primeiro piso, sempre na maior parte fechadas, que agora se encontravam muito mais próximas.

O seu mal parecia estacionário. Após três dias de permanência no quinto piso, porém, manifestou-se uma erupção cutânea na perna direita que não deu sinais de reabsorção nos dias que se seguiram. Era uma afecção, disse-lhe o médico, totalmente independente do seu mal principal; um distúrbio que podia acontecer à pessoa mais saudável deste mundo. Para o eliminar em poucos dias seria necessário um tratamento intensivo de raios gama.

— E não se podem receber aqui os raios gama? — perguntou Giuseppe Corte.

— Com certeza — respondeu o médico com satisfação. — O nosso hospital dispõe de tudo. Há apenas um inconveniente...

— Qual é? — perguntou Corte com um vago pressentimento.

— Inconveniente é uma maneira de dizer — corrigiu-se o médico —, o que eu queria dizer é que as instalações dos raios gama se encontram somente no quarto piso e eu não o aconselharia a fazer semelhante trajecto três vezes por dia.

— Quer dizer que nada feito?

— Quero dizer que até a erupção estar curada seria melhor que tivesse a amabilidade de descer para o quarto.

— Basta! — gritou Giuseppe Corte. — Já chega de descer! Nem que tenha de morrer, para o quarto não vou!

— Como queira — disse o outro em tom conciliador para não o irritar —, mas, na minha qualidade de seu médico assistente, tome nota de que o proíbo de ir lá abaixo três vezes ao dia.

O pior foi que o eczema, em vez de se desvanecer, foi alastrando lentamente. Giuseppe Corte não conseguia ter descanso, revolvendo-se constantemente na cama. Aguentou-se assim enraivecido três dias, até que teve de ceder. Tomou a iniciativa de pedir ao médico que o mandasse fazer o tratamento dos raios, e que para isso o transferissem para o piso inferior.

Cá em baixo verificou, com inconfessado prazer, que representava uma exceção. Os outros doentes daquela secção estavam sem dúvida num estado muito sério, não podendo sair da cama nem por um minuto. Ele, porém, podia dar-se ao luxo de ir a pé do seu quarto à sala dos raios, por entre as felicitações e o espanto das próprias enfermeiras.

Com insistência esclareceu o novo médico sobre a sua situação especialíssima. Um doente que no fundo tinha direito ao sétimo piso acabava por se encontrar no quarto. Assim que a erupção estivesse curada, tencionava voltar para cima. Não admitiria absolutamente mais nenhuma desculpa. Logo ele, que podia ainda encontrar-se no sétimo com toda a legitimidade.

– No sétimo, no sétimo! – exclamou a sorrir o médico, que acabava justamente de o observar. – Sempre exagerados, estes doentes! Eu sou o primeiro a dizer que o senhor pode dar-se por satisfeito com o seu estado; pelo que vejo na sua ficha clínica, grandes agravamentos não houve. Mas daí a falar em sétimo piso, desculpe-me a rude franqueza, vai uma grande diferença! O senhor é um dos casos menos preocupantes, estou de acordo, mas não deixa de ser um doente!

– Então, então – disse Giuseppe Corte com o rosto todo vermelho –, em que piso me colocaria?

– Ora essa, não é fácil dizer, só lhe fiz um exame sumário. Para poder pronunciar-me tenho de acompanhá-lo durante uma semana, pelo menos.

– Está bem – insistiu Corte –, mas já sabe mais ou menos.

O médico, para tranquilizá-lo, fingiu que se concentrava um momento a pensar; depois abanou a cabeça para si mesmo e disse lentamente:

– Pois bem, apenas para o satisfazer, digamos, ao fim e ao cabo poderemos pô-lo no sexto! Sim, sim – acrescentou como se quisesse autoconvencer-se –, o sexto se calhar estava bem.

O médico pensava que o doente assim ficasse contente. Mas no rosto de Giuseppe Corte desenhou-se uma expressão de espanto: dava-se

conta de que os médicos dos últimos pisos o tinham enganado; este novo médico, claramente mais competente e mais honesto, no seu íntimo – era evidente – achava que ele devia estar não no sétimo, mas no sexto piso, e talvez até no quinto inferior! A inesperada desilusão prostrou-o. Naquela noite a febre subiu consideravelmente.

A permanência no quarto piso constituiu para Giuseppe Corte o período mais tranquilo desde que entrara para o hospital. O médico era uma pessoa muito simpática, atenciosa e cordial; entretinha-se muitas vezes a conversar, durante horas inteiras, acerca dos mais variados assuntos. E Giuseppe Corte também conversava animadamente, procurando temas que tivessem a ver com a sua vida habitual de advogado e homem do mundo. Tentava convencer-se de que ainda pertencia ao grupo dos homens saudáveis, que ainda estava ligado ao mundo dos negócios, que ainda se interessava pelos factos públicos. Tentava, mas debalde. Invariavelmente, a conversa acabava sempre por ir parar à doença.

O desejo de algumas melhoras tinha-se, entretanto, tornado uma obsessão para ele. Infelizmente os raios gama, embora tivessem feito com que a erupção cutânea deixasse de alastrar, não tinham conseguido eliminá-la. Todos os dias Giuseppe Corte falava durante muito tempo com o médico sobre isso, esforçando-se por se mostrar forte, e até irónico, mas sem o conseguir.

– Diga-me, doutor – perguntou-lhe um dia –, como vai o processo destrutivo das minhas células?

– Oh, mas que palavras feias! – repreendeu-o o médico em tom de brincadeira. – Onde é que as foi aprender? Não ficam bem, não ficam bem, sobretudo a um doente! Nunca mais lhe quero ouvir tais conversas.

– Está certo – objectou Corte –, mas desse modo não me respondeu.

– Oh, respondo-lhe já – disse o doutor, atencioso. – O processo destrutivo das células, para usar a sua horrível expressão, no seu caso é mínimo, absolutamente mínimo. Mas sentir-me-ia tentado a defini-lo como obstinado.

– Obstinado... quer dizer crónico?

– Não me atribua aquilo que eu não disse. O que quero dizer é apenas obstinado. De resto, na maioria dos casos é assim. Até as

afecções muito ligeiras frequentemente precisam de tratamentos enérgicos e longos.

– Mas diga-me, doutor, quando poderei esperar ter melhoras?

– Quando? As previsões nestes casos são bastante difíceis... Mas ouça – acrescentou após uma pausa meditativa –, vejo que tem uma verdadeira obsessão pela cura... se não receasse fazê-lo zangar, dar-lhe-ia um conselho...

– Mas diga, doutor, diga lá...

– Pois bem, coloco-lhe a questão em termos muito claros. Se eu fosse atacado por este mal, mesmo de forma muito ténue, e viesse parar a este sanatório, que talvez seja o melhor que existe, tomaria a iniciativa de pedir que me pusessem, e desde o primeiro dia, desde o primeiro dia, compreende?, num dos pisos mais baixos. Queria mesmo que me pusessem no...

– No primeiro? – sugeriu Corte com um sorriso forçado.

– Ah, não! No primeiro, não! – respondeu o médico, irónico. – Nesse é claro que não! Mas no terceiro ou mesmo no segundo, de certeza. Nos planos inferiores o tratamento é feito de modo muito melhor, isso lhe garanto, as instalações são mais completas e mais bem apetrechadas, e o pessoal é mais competente. Além disso, sabe quem é a alma deste hospital?

– Não é o professor Dati?

– Pois é, o professor Dati. É ele o inventor do tratamento que aqui se pratica, foi ele que projectou todo o complexo das instalações. Pois bem, ele, o mestre, está por assim dizer entre o primeiro e o segundo pisos. De lá irradia a sua força orientadora. Porém, uma coisa lhe garanto, a sua influência não vai além do terceiro piso; daí para cima, dir-se-ia até que as suas ordens se desmembram, perdem consistência, se dispersam; o coração do hospital é lá em baixo, e é preciso estar lá em baixo para receber os melhores tratamentos.

– Quer então dizer – disse Giuseppe Corte com voz trémula –, que me aconselha...

– Acresce ainda mais uma coisa – prosseguiu o médico, imperturbável –, acresce que no seu caso particular seria preciso tratar também da erupção cutânea. Coisa sem importância, reconheço, mas bastante aborrecida, e que com o passar do tempo poderia deprimir-lhe o «moral»; e o senhor sabe como a serenidade de espírito é importante para a cura. As aplicações de raios que eu lhe fiz só resultaram em metade. O motivo? Pode ser por puro acaso, mas

também pode acontecer que os raios não tenham a intensidade necessária. Ora acontece que no terceiro piso as máquinas dos raios são muito mais potentes. As probabilidades de curar o eczema seriam muito maiores. E depois, está a ver? Uma vez iniciada a cura, o passo mais difícil está dado. Quando se recomeça a subir, é muito improvável que se volte outra vez para trás. Quando se sentir realmente melhor, nada o impedirá de vir de novo aqui para junto de nós ou até mais para cima, conforme os seus «méritos», para o quinto, para o sexto, até para o sétimo, atrevo-me a dizer...

– E acha que isso poderá acelerar a recuperação?

– Mas não pode haver dúvidas! Já lhe disse o que faria eu no seu lugar.

Conversas deste género fazia o médico todos os dias. Chegou finalmente o momento em que o doente, cansado de sofrer por causa do eczema, não obstante a sua relutância instintiva em descer ao reino dos casos cada vez mais graves, decidiu seguir o seu conselho e se transferiu para o piso de baixo.

No terceiro piso notou imediatamente que naquela secção reinava uma alegria especial, tanto no médico como nas enfermeiras, embora estivessem ali em tratamento doentes muito preocupantes. Reparou ainda que de dia para dia essa alegria ia aumentando; intrigado, depois de ter tomado uma certa confiança com a enfermeira perguntou-lhe por que razão naquele piso estavam todos tão contentes.

– Ah, não sabe? – respondeu a enfermeira. – Daqui a três dias vamos de férias.

– Vamos de férias, como?

– Mas é claro. Durante quinze dias, o terceiro piso é encerrado e o pessoal vai-se distrair. O descanso dos vários pisos é feito por turnos.

– E os doentes? O que lhes fazem?

– Uma vez que cá estão relativamente poucos, de dois pisos fazemos um só.

– Como? Juntam os doentes do terceiro e do quarto?

– Não, não – corrigiu a enfermeira –, do terceiro e do segundo. Os que estão aqui terão de ir lá para baixo.

– Descer para o segundo? – disse Giuseppe Corte, pálido como um morto. – Quer dizer que eu tenho de descer para o segundo?

– Pois claro. E o que tem isso de estranho? Daqui a quinze dias, quando regressarmos, voltará para este quarto. Não me parece que haja motivo para se assustar.

No entanto, Giuseppe Corte – misterioso instinto o avisava – foi invadido pelo medo. Mas como não podia impedir o pessoal de ir de férias, convencido de que o novo tratamento de raios lhe estava a fazer bem – o eczema estava quase seco –, não se atreveu a opor-se à nova transferência. Exigiu, contudo, apesar da troça das enfermeiras, que sobre a porta do seu novo quarto fosse colado um letreiro, dizendo: «Giuseppe Corte, do terceiro piso, de passagem». Era algo sem precedentes na história do sanatório, mas os médicos não se opuseram, pensando que para um temperamento nervoso como o de Corte a mais pequena contrariedade podia provocar um abalo.

No fundo, era uma questão de esperar quinze dias, nem um a mais nem um a menos. Giuseppe Corte pôs-se a contá-los com obstinada avidez, ficando imóvel na cama durante horas com os olhos fixos nos móveis, pois no segundo piso já não eram tão modernos e alegres como nas secções superiores, apresentando maiores dimensões e linhas mais solenes e rígidas. E de vez em quando apurava o ouvido, pois parecia-lhe ouvir no andar de baixo – o piso dos moribundos, a secção dos «condenados» – vagos estertores de agonia.

Tudo isto, como é natural, contribuía para o entristecer. E a perda de serenidade parecia estimular a doença, a febre tendia a aumentar, a fraqueza tornava-se mais intensa. Da janela – estava-se agora em pleno Verão e os vidros estavam quase sempre abertos – já não se avistavam os telhados e nem sequer as casas da cidade, mas apenas a muralha verde das árvores que rodeavam o hospital.

Passados sete dias, uma tarde por volta das duas entraram de repente o enfermeiro-chefe e três enfermeiros, empurrando uma cama de rodas.

– Estamos prontos para a mudança? – perguntou o enfermeiro-chefe em tom de gracejo amigável.

– Que mudança? – perguntou Giuseppe Corte em voz arrastada.
– Que brincadeira é esta agora? Não faltam sete dias para os do terceiro piso voltarem?

– Qual terceiro piso? – disse o enfermeiro-chefe como se não percebesse. – Recebi ordens para o levar para o primeiro, veja aqui.

E mostrou-lhe um impresso com a ordem de transferência para o piso inferior, assinado nada mais nada menos que pelo próprio professor Dati.

O terror e a raiva diabólica de Giuseppe Corte explodiram em longos gritos que ecoaram por toda a secção.

– Calma, calma, por amor de Deus – suplicaram as enfermeiras –, há doentes que não estão bem!

Mas era preciso mais do que isso para o acalmar. Por fim ocorreu o médico que dirigia a secção, uma pessoa muito gentil e educada. Informou-se, olhou para o impresso, escutou as explicações de Corte. Depois voltou-se, furioso, para o enfermeiro-chefe e disse-lhe que tinha havido um engano, ele não ordenara nenhuma medida do género, que já havia algum tempo que reinava uma confusão intolerável e que ele era mantido na ignorância de tudo... Depois de dizer das suas razões ao subordinado, finalmente dirigiu-se ao doente em tom amável, apresentando as maiores desculpas.

– Infelizmente, porém – acrescentou o médico –, infelizmente o professor Dati partiu há precisamente uma hora para gozar uma curta licença, só volta daqui a dois dias. Estou profundamente desolado, mas as suas ordens não podem ser transgredidas. Será ele o primeiro a lamentar o facto, isso lhe garanto... um erro destes! Não compreendo como pode ter acontecido!

Um patético tremor começara a sacudir Giuseppe Corte. A capacidade de se controlar desaparecera por completo. O terror vencera-o como a uma criança. Os seus soluços ressoavam no quarto.

Assim chegou, devido àquele erro execrável, à última estação. Na secção dos moribundos, ele que, no fundo, de acordo com a gravidade do seu mal, na opinião dos mais rigorosos médicos tinha o direito de ser colocado no sexto piso, se não mesmo no sétimo! A situação era de tal modo grotesca que em certos momentos Giuseppe Corte quase tinha vontade de se rir dela desbragadamente.

Estendido na cama, enquanto a tarde quente de Verão passava lentamente sobre a cidade, olhava o verde das árvores através da janela, com a impressão de ter chegado a um mundo irreal, feito de absurdas paredes de azulejos esterilizados, de gélidas câmaras mortuárias, de brancas figuras humanas desprovidas de alma. Chegou a passar-lhe pela cabeça que até as árvores que lhe parecia ver através da janela não fossem verdadeiras; convenceu-se mesmo disso, quando notou que as folhas não se mexiam de todo.

Esta ideia agitou-o de tal maneira que tocou a sineta para chamar a enfermeira e pediu-lhe que lhe desse os óculos de míope, que não usava na cama; só então conseguiu tranquilizar-se um pouco: com

a ajuda das lentes comprovou que eram mesmo árvores verdadeiras e que as folhas de quando em quando eram agitadas pelo vento, embora levemente.

Depois de a enfermeira sair, passou um quarto de hora em completo silêncio. Seis andares, seis terríveis muralhas, fosse embora devido a um erro formal, se sobrepunham agora a Giuseppe Corte com o seu peso implacável. Daqui a quantos anos – sim, era preciso pensar em anos –, daqui a quantos anos conseguiria voltar a subir até à orla daquele precipício? Mas como era possível que o quarto de repente se tornasse tão escuro? Ainda se estava em plena tarde. Com um esforço supremo Giuseppe Corte, que se sentia paralisado por um estranho torpor, olhou para o relógio que estava na mesa-de-cabeceira, ao lado da cama. Eram três e meia. Voltou a cabeça para o outro lado e viu que as persianas de correr, obedecendo a um misterioso comando, desciam lentamente, impedindo a entrada da luz.

4 ESPÍRITO DO SUL

Por entre as casas desconjuntadas, as varandas de madeira rendilhada imundas de pó, as entradas fétidas, as paredes calcinadas, as exalações da imundície aninhada em cada interstício, sozinha no meio de uma rua, eu vi, em Port Said, uma figura estranha. Pelos lados, ao longo dos sopés das casas, movimentava-se a gente miserável do bairro; e embora, pensando bem, não fosse muita, parecia que a rua fervilhava, tão uniforme e contínuo era o formigueiro. Através dos véus de poeira e dos revérberos ofuscantes do sol, não conseguia fixar a atenção em coisa nenhuma, como acontece nos sonhos. Mas depois, mesmo no meio da rua, uma rua quase idêntica a outras mil, que se perdia de vista numa perspectiva de barracas faustosas e prestes a desmoronar-se —, precisamente ao meio, totalmente imerso em sol, avistei um homem, talvez um árabe, vestido com um balandrau branco, largo, com uma espécie de capuz na cabeça — ou assim me pareceu — igualmente branco. Caminhava devagar no meio da rua, bamboleando-se, como se andasse à procura de alguma coisa, ou como se cambaleasse, ou tivesse mesmo vertigens. Ia-se distanciando por entre os buracos cheios de pó naquele seu passo de urso, sem que ninguém lhe desse atenção, e a sua figura, naquela rua e àquela hora, parecia concentrar em si com extraordinária intensidade todo o mundo que o rodeava.

Foram breves instantes. Só depois de desviar dele o olhar me dei conta de que o homem e especialmente o seu andar fora do comum me tinham entrado de imediato no espírito sem que eu soubesse dizer porquê.

— Olha para aquele lá adiante, que cómico que é! — disse ao meu companheiro, esperando dele uma palavra banal que fizesse voltar tudo à normalidade, pois sentia que despontara em mim uma certa inquietação. Ao dizer aquilo, o meu olhar dirigia-se ainda para o fundo da rua, a observá-lo.

— Quem é que é cómico? — disse o meu companheiro.

Respondi-lhe:

– Além, aquele homem a cambalear no meio da rua.

Enquanto assim dizia, o homem desapareceu. Não sei se teria entrado numa casa ou num beco, ou se foi engolido pelo formigueiro que bulia ao longo das casas, ou se de facto se evaporou, queimado pelos revérberos merídios.

– Onde? Onde? – disse o meu companheiro, e eu respondi:

– Estava além, mas já desapareceu.

Depois voltámos para o carro e demos umas voltas, apesar de serem apenas duas horas e de fazer calor. A inquietação desaparecera e ríamos facilmente de qualquer tolice, até que chegámos ao limite do arrabalde indígena, e os falanstérios poeirentos ficavam para trás, começava a areia e algumas barracas sórdidas resistiam ao sol, as quais eu, por compaixão, esperava que estivessem desabitadas. Porém, olhando melhor, apercebi-me de que um fio de fumo, quase invisível entre as ondas abrasadoras do sol, subia de um daqueles tugúrios, elevando-se a custo para o céu. Portanto viviam ali homens, pensei com remorso, enquanto retirava um pedacinho de palha de uma manga do meu fato branco.

Estava entretido com estas filantropias de turista, quando me faltou a respiração.

– Que gente! – estava a dizer ao meu companheiro. – Olha para aquele miúdo com uma terrina na mão, por exemplo, o que espera ele... Não terminei a frase porque o meu olhar, não se podendo deter em coisa nenhuma por causa da luz e vagueando irrequieto, pousou num homem vestido com um balandrau branco, que caminhava a bambolear-se para lá dos casebres, no meio da areia, dirigindo-se para a margem de uma lagoa.

– Que ridículo – disse em voz alta para me acalmar. – Há meia hora que andamos às voltas e viemos parar ao mesmo sítio de onde partimos! Olha para aquele tipo, é aquele que eu te dizia!

Era ele, de facto, não havia dúvida, com o seu passo vacilante, como se andasse à procura de alguma coisa, ou cambaleasse, ou tivesse vertigens. E também agora me voltava as costas e se ia afastando devagar, escondendo – parecia-me – uma fatalidade paciente e obstinada.

Era ele, e a inquietação renasceu mais forte porque eu sabia bem que aquele lugar não era o mesmo de antes, e que o automóvel, embora desse voltas repetitivas, se afastara alguns quilómetros,

coisa que um homem a pé não poderia ter feito. Contudo, o árabe misterioso estava ali, caminhando para a margem da lagoa, onde eu não compreendia o que poderia ele procurar. Não, ele não procurava nada, sabia-o perfeitamente. De carne e osso ou miragem, ele surgira para mim, deslocara-se milagrosamente de uma ponta à outra da cidade indígena para me reencontrar, e tive a consciência – porque uma voz mo dizia no meu íntimo – de que uma obscura cumplicidade me ligava àquele ser.

– Qual tipo? – respondeu o meu companheiro, distraído.

– Aquele miúdo com o prato, dizes tu?

– Nada disso! – disse com raiva. – Mas não estás a vê-lo lá adiante? Não há mais ninguém senão ele, aquele ali que... que...

Talvez fosse um efeito de luz, uma banal ilusão de óptica, mas a verdade é que o homem se dissolvera de novo, qual sinistro embuste. As palavras entalavam-se-me na boca. Gaguejava, confuso, fixando as areias desertas.

– Tu não estás bem – disse o meu companheiro. – Voltemos para o piróscapo.

Fiz uma tentativa para me rir e disse:

– Então não vês que estava a brincar?

Partimos nessa noite; o navio desceu o canal em direcção ao mar Vermelho, em direcção ao trópico, e durante a noite a imagem do árabe permaneceu-me no espírito, enquanto tentava inutilmente pensar nas coisas do dia-a-dia. Tinha até a obscura sensação de estar a seguir, de certo modo, determinações que não eram minhas, chegava mesmo a convencer-me de que o homem de Port Said não era estranho à coisa, como se ele tivesse tido o desejo de me indicar os caminhos do sul, como se o seu cambalear, o seu passo vacilante de urso fossem ingénuos engodos, como os de certos bruxos.

A nave prosseguiu e a pouco e pouco convenci-me de que me tinha enganado: os árabes vestem-se todos mais ou menos da mesma maneira, e era evidente que eu fizera confusão, alimentada pela imaginação suspeitosa. Todavia, voltei a sentir um ligeiro eco de mal-estar na manhã em que atracámos em Massauá. Nesse dia andei a passear sozinho, nas horas de maior calor, parando nas encruzilhadas para observar em volta. Parecia-me estar a fazer uma espécie de experiência, como quem atravessa uma pinguela para ver se ela aguenta. Voltaria a aparecer o indivíduo de Port Said, homem ou fantasma que fosse?

Passei durante hora e meia sem que o sol me incomodasse – o famoso sol de Massauá –, porque a experiência parecia estar a desenrolar-se de acordo com as minhas expectativas. Atravessei Taulud a pé, detive-me a observar a barragem, vi árabes, eritreus, sudaneses, rostos puros ou abjectos, mas a ele não o vi. Deixava-me alegremente torrar pelo calor, como que liberto de uma perseguição.

Chegou a noite e voltámos a partir para sul. Os companheiros de viagem tinham desembarcado, o navio estava quase vazio, e eu sentia-me só e estranho, um intruso num mundo alheio. As amarras foram levantadas e o navio começou a afastar-se lentamente do cais deserto; não havia ninguém a despedir-se, e de repente veio-me à cabeça que afinal o fantasma de Port Said se apoderara de mim, pelo menos para me angustiar; melhor que nada. É verdade que me assustara com os seus desaparecimentos mágicos, mas ao mesmo tempo tinha motivos para me orgulhar. O homem de facto viera por minha causa: o meu companheiro de passeio nem tinha reparado nele. Visto à distância, aquele ser representava para mim uma personificação, encerrando em si o segredo da própria África. Entre mim e esta terra existia, pois, um vínculo, antes mesmo de eu o suspeitar. Tinha vindo até mim um mensageiro dos lendários reinos do Sul, para me indicar o caminho?

O navio já estava a duzentos metros do cais e eis que uma pequena figura branca se move na extremidade do molhe. Completamente só sobre a tira cinzenta de cimento, afastava-se lentamente – pareceu-me – bamboleando-se como se cambaleasse, ou andasse à procura de alguma coisa, ou tivesse vertigens. O coração começou-me a bater com força. Era ele, tive a certeza, sabe-se lá se homem, se fantasma, provavelmente – dada a distância não conseguia distinguir – de costas para mim, caminhando na direcção do sul, absurdo embaixador de um mundo que poderia ser também meu.

E hoje, em Harar, finalmente voltei a encontrá-lo. Estou aqui a escrever, na casa de um amigo que é bastante isolada, tenho a cabeça cheia do zumbido do petromax, e os pensamentos andam para baixo e para cima como as ondas; talvez seja do cansaço, ou talvez da aragem que apanhei no carro. Não, já não é medo, como aconteceu perto da lagoa de Port Said; é antes uma sensação de fraqueza, um sentimento de inferioridade em relação àquilo que me espera.

Reencontrei-o hoje, quando explorava os labirintos da cidade indígena. Havia já meia hora que caminhava por aquele emaranhado

de ruelas, todas iguais e diferentes, e após uma tempestade havia agora uma luz belíssima. Divertia-me a espreitar para as raras passagens estreitas, onde se abrem patiozitos de fábula, encerrados como que dentro de minúsculos fortins, entre paredes vermelhas de pedras e lama. As ruelas estavam em grande parte desertas, as casas – chamemos-lhes assim –, silenciosas; por vezes imaginava que era uma cidade morta, exterminada pela peste, e que não tinha saída; a noite cairia e nós na busca ansiosa da libertação.

Eram estes os meus pensamentos quando ele me apareceu. Por coincidência, a ruela íngreme que eu descia não era sinuosa como as outras, mas bastante direita, permitindo que se avistasse a uns oitenta metros. Ele caminhava por entre as pedras, bamboleando-se mais do que nunca como um urso, e afastava-se de costas para mim, extremamente significativo: não trágico, e tão-pouco grotesco, não sei exactamente como dizer. Mas era ele, o mesmo homem de Port Said, o mensageiro dos reinos lendários, que não poderá abandonar-me.

Corri pelo empedrado íngreme, com a maior ligeireza possível. Desta vez, finalmente, não me escaparia; duas paredes vermelhas e uniformes encerravam a ruela, e não existiam portas. Corri até onde a viela fazia uma curva, esperando, depois dela, encontrar o homem a não mais de três metros. Porém, ele desaparecera. Tal como das outras vezes, evaporara-se.

Voltei a vê-lo mais tarde, sempre igual, afastando-se ainda por uma daquelas vielas, não na direcção do mar, mas na direcção do interior. Já não corri atrás dele. Fiquei parado a olhá-lo, com uma vaga tristeza, até que desapareceu num beco lateral. O que queria de mim? Onde queria conduzir-me? Não sei quem tu és, se és homem, fantasma ou miragem, mas receio que te tenhas enganado. Temo não ser aquele que tu procuras. A questão não está muito clara, mas parece-me ter percebido que tu querias levar-me mais para lá, cada vez mais para lá, mais para o centro, até às fronteiras do teu reino ignoto.

Compreendo, e até seria interessante. Tu és paciente, esperas-me nas encruzilhadas solitárias para me ensinar o caminho, és verdadeiramente discreto, até dás mostras de fugir de mim com uma diplomacia muito oriental, e nem ousas revelar o teu rosto. Queres apenas dar-me a perceber – parece-me – que o teu monarca me espera no meio do deserto, no palácio branco e maravilhoso guardado por leões, onde cantam fontes encantadas. Seria belo, bem sei, acredita

que gostaria. Mas a minha alma é incorrigivelmente tímida; de balde a admoesto; as suas asas tremem, os seus dentinhos diáfanos batem assim que é levada até ao limiar das grandes aventuras. Sou assim, infelizmente, e receio muito que o teu rei desperdice o seu tempo à minha espera no palácio branco no meio do deserto, onde provavelmente eu seria feliz.

Não, não, por favor espera. De qualquer modo, ó mensageiro, leva a notícia que eu vou, nem é preciso que voltes a aparecer. Esta noite sinto-me realmente bem, embora os pensamentos ondulem um pouco, e tomei a decisão de partir. (Mas será que sou capaz? Será que a minha alma não se põe com birras, no momento crucial não começará a tremer, não esconderá a cabeça entre as pávidas asas dizendo que não quer ir?)

Um volume que ilustra a mestria na narrativa
breve de um dos nomes incontornáveis
da literatura do século xx.

Volume de contos seleccionados em vida pelo próprio autor, fruto de uma preferência pessoal e súpula do que melhor representa o seu universo singular, nestes *Sessenta Contos* encontramos bosques tenebrosos, montanhas desoladas habitadas por estranhas criaturas, cidades medievais, bandos de salteadores, viajantes incautos em fuga e obscuras maquinações políticas; paisagens imaginadas que se abrem a realidades metafísicas, a arquitecturas impossíveis, góticas, oníricas, nas quais sobressai a inquietação do homem perante o seu destino, o mistério da sua existência, o horror pela vida nas cidades e as suas rotinas diárias.

«Magnífico, o último fabulista moderno.»

The Guardian

«Um dos mais importantes autores do século xx.»

Magazine Littéraire

ISBN 978-989-623-255-9
9 789896 232559



cavalo de ferro